

A RITUALIZAÇÃO DA GUERRA PELOS CELTAS: SOBRE UMA COMITIVA CELTA DESCRITA POR APIANO

Filippo Lourenço Olivieri*

Abstract

*The aim of this work is to study a celtic embassy described by Appian, in **Roman History**, at the moment of the Roman conquest of Narbonensis Gaul. The Appian text collated with others classic texts shows that the Celts made a ritual of War. We will analyze the religious functions of this phenomenon and the place of the druids and bards in this kind of situation. The Celtic embassy related by Appian let us reconstruct this kind of behavior connected the activity before war.*

Keywords: Celtic embassy; War ritual; Druid; Bards; Celtic religion.

Resumo

*O objetivo deste trabalho é estudar uma comitiva celta relatada por Apiano, em **História Romana**, no momento da conquista romana da Gália Narbonense. O texto de Apiano, articulado com outros textos clássicos, mostra que os celtas ritualizavam as ações ligadas à guerra. Analisaremos as funções religiosas desse fenômeno e o lugar dos druidas e bardos nesse tipo de situação. A comitiva, relatada por Apiano, permite-nos reconstruir esse tipo de comportamento ligado às preliminares da guerra.*

Palavras-chave: Comitiva céltica; Ritualização da guerra; Druida; Bardos; Religião céltica.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em História da UFF, sob orientação do Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso. Pesquisador do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA)/UFF. O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq. Tema da pesquisa: "O papel dos druidas na sociedade céltica na Gália nos séculos II e I a.C."

Introdução

As atividades guerreiras dos celtas sempre tiveram um marcado acento nas narrativas dos autores clássicos. A conduta dos guerreiros celtas no que tange aos combates chamou a atenção dos autores gregos e romanos. Estrabão refere-se aos celtas como “apaixonados pela guerra” (ESTRABÃO. **Geografia** IV, 4). Contudo, os celtas tomavam a guerra em uma esfera religiosa que poucas vezes é comentada pelos escritores gregos e romanos.

A observação de um relato de Apiano, geralmente pouco comentado, permite-nos vislumbrar um pouco do ritualismo que precedia as atividades ligadas à guerra ou pelo menos às suas preliminares. Nesses relatos, o papel que personagens como druidas e bardos (estes, retratados como músicos) ocupam são prementes e se articulam com as informações que nos legaram os escritores clássicos. O papel dos druidas como embaixadores revela-se crucial nas comitivas celtas em momentos que envolviam a guerra.

Os druidas como embaixadores e mediadores nas guerras

Segundo Diodoro Sículo, a influência dos druidas também se aplicava sobre os assuntos das guerras.

*(...) Não somente em tempos de paz, mas, sobretudo, nas guerras, eles (os gauleses) se deixam convencer pelos cantos dos poetas (os bardos), que são obedecidos não apenas pelos amigos, mas também pelos inimigos. Muitas vezes, as batalhas prestes a ocorrer, quando dois exércitos se aproximam um do outro, as espadas desembainhadas, as lanças apontadas, os poetas se colocam entre eles e os detêm como quem detém qualquer besta selvagem. Assim, mesmo entre os bárbaros, os mais selvagens, a paixão recua diante da sabedoria e Ares respeita as Musas (DIODORO SÍCULO. **Biblioteca de História** V, 31). (Tradução nossa)*

Estrabão, por sua vez, também faz considerações acerca do papel dos druidas em relação à guerra.

(...) Eles (os druidas) são considerados como os mais justos dos homens e, por esta razão, são confiados a eles os julgamentos dos

conflitos privados e públicos, de tal forma que eles arbitravam as guerras e separavam aqueles que estavam a ponto de se colocar em ordem de batalha. Eles também eram solicitados para as questões envolvendo assassinatos (ESTRABÃO. **Geografia** IV, 4). (Tradução nossa)

Através de César (CÉSAR. **A Guerra das Gálias** VI, 12), sabemos que um personagem gaulês, Diviciaco, foi até Roma como embaixador pedir a ajuda contra os germanos que estavam invadindo a Gália. Através de Cícero (CÍCERO. **Sobre a adivinhação** I, 41, 90), tomamos conhecimento de que este personagem citado por César, Diviciaco, era um druida. Uma outra fonte confirma a ida de Diviciaco a Roma como embaixador. Trata-se de um panegírico de um autor anônimo (CHADWICK, 1997, p. 48; 103), escrito em 312, e dirigido ao imperador Constantino, o *Panegírico de Constantino*: “O chefe dos éduos veio ao senado, expôs a coisa, e como fosse convidado a se sentar, ele recusa a oferta que lhe foi feita e fala apoiado sobre o seu longo escudo (*scutum innixus peroravit*)” (**Panegírico de Constantino**. II, III, 8).¹

Esses relatos mostram que as funções de embaixador e porta-voz estavam entre as prerrogativas naturais dos druidas na Gália. Referindo-se ao *Panegírico de Constantino*, Jean Markale destaca:

(...) Diviciaco se afirma assim mais como embaixador do que como druida. Numerosos textos irlandeses fazem menção de druidas enviados em missões para um rei estrangeiro. E são de novo os druidas que vão até as fronteiras dos inimigos, fazem as encantações rituais que equivalem a uma declaração de guerra (MARKALE, 1985, p. 43).

Os autores modernos confirmam o papel de embaixadores dos druidas. Para Anne Ross (ROSS, 2004 p. 56-57) o druida Diviciaco era um reputado político e diplomata dos éduos. Para Peter Ellis (ELLIS, 2003, p. 190) o papel de árbitros internacionais e embaixadores dos druidas é confirmado por inúmeras fontes. Guyonvarc’h, Christian e Le Roux também confirmam essa posição. Para os autores, não apenas na Gália pré-romana, mas também na Irlanda pré-cristã, os druidas exerciam funções de embaixadores em comitivas² (GUYONVARC’H e LE ROUX, 1986, p. 87-88).

Apiano

Algumas fontes, pouco utilizadas, não citam o termo druidas, porém fica claro que se trata deles. Dessa forma, num relato tardio de Apiano (Alexandria, 95 – Id. após 160), em **História Romana**, encontramos referências sobre as guerras de Roma contra os salúvios³ e posteriormente contra os arvernos e seus aliados no momento da conquista do sudeste da Gália em 120 a.C. A referida obra é possivelmente baseada nos relatos de Posidônio, que viajou pelo sul da Gália em torno do ano 90 a.C. e fez comentários sobre suas observações no livro 23 do **Histórias**. Numa parte bastante fragmentada chamada Céltica, o autor traz informações acerca da conquista da Gália Narbonense e da Gália independente por César. A referência de Apiano que aqui nos interessa refere-se à conquista da Gália Narbonense (sudeste da Gália).

Desde meados do século II a.C., a tribo celto-lígure⁴ dos salúvios e outras tribos que os autores gregos chamavam lígures (GOUDINEAU, 1997, p. 681), situadas no litoral provençal, ameaçavam o comércio de *Massalia* (Marselha) com o interior da Gália. *Massalia* resolve, então, recorrer a sua aliada de antiga data, Roma.

A primeira intervenção de Roma nessa região se dá em 154 a.C. Mais tarde, em novas incursões, as legiões vencem a resistência dos salúvios e destroem o seu santuário, Roquespertuse. O rei dos salúvios, Teutomálio, e sua corte pedem e recebem asilo entre os alóbroges, que viviam mais ao norte (Alta-Savoia, Savoia e Isere). Os romanos exigem que os alóbroges devolvam os exilados, recebendo, então, uma negativa como resposta. Nesse momento entra em cena o rei dos arvernos (Auvérnia), Bituito, que, segundo Apiano, seria rei dos alóbroges⁵ (APIANO. **História Romana** IV, 12). Os arvernos e seus aliados rutenos e alóbroges são fragorosamente derrotados pelas legiões do general Domítio Ahenobarbus. Uma grande batalha ocorreu na confluência dos rios Ródano e Sorgue, onde a coalizão citada é esmagada (CUNLIFFE, 1988, p. 56). Fontes posteriores teriam dito que o Ródano encheu-se de milhares de cadáveres. Essa vitória determinou a aquisição da região ao sul dos Cevenas e permitiu que Roma tivesse acesso a um caminho terrestre entre a Itália e a Espanha. Esse fato se consolidou com a criação da Via Domítia (GOUDINEAU, 2000, p. 52-53).⁶

Dentre esses eventos, aqueles que são os mais pertinentes para o nosso trabalho dizem respeito a um comentário de Apiano acerca de uma comitiva celta. Segundo este autor, após serem derrotados pelos romanos, os nobres salúvios e o seu rei, Teutomálio, buscam exílio entre os alóbroges. Os romanos, então, pedem que o rei lhes seja entregue, pedido que é recusado pelos chefes alóbroges. Diante dessa recusa, as legiões comandadas por Domítio Ahenobarbus dirigem-se para o território dos alóbroges. Estes eram aliados ou clientes⁷ dos arvernos, que intervêm em favor dos alóbroges e resolvem se bater contra os romanos. Os arvernos nessa época tinham uma grande influência na Gália Céltica e eram os responsáveis pelas primeiras emissões de moedas na Céltica.

Ao se dirigir para o norte e em direção ao território dos alóbroges, Domítio Ahenobarbus se depara com uma comitiva do rei arverno, Bituito; assim nos informa Apiano:

*(...) Os chefes dos sálivos, uma tribo vencida pelos romanos, se refugiaram junto aos alóbroges. Os romanos os reclamaram e, como os alóbroges não aceitaram os entregar, resolvem por fazer a guerra sob o comando de Cneu Domítio. Quando ele (Domítio) atravessava o território dos sálivos, veio ao seu encontro um embaixador (presbeutes) do rei dos alóbroges Bituito, ricamente equipado; guarda-costas o acompanhavam e também tinham cães, uma vez que os bárbaros dessa região se fazem acompanhar por escolta constituída de cães. Um músico cantava, através de uma música bárbara, o rei Bituito, os alóbroges, e ao próprio embaixador, celebrando sua nascença, sua coragem e sua riqueza. É, por esta razão, sobretudo, que os embaixadores estão entre os mais ilustres entre esses povos. Mas ele (Bituito) ao pedir perdão para os chefes sálivos, nada conseguiu (APIANO. **História Romana** IV, 12). (Tradução nossa)*

Observamos neste relato que uma comitiva céltica foi ao encontro das tropas de Domítio e que Apiano dá destaque ao embaixador dos arvernos e coloca que este estaria ricamente adornado e acompanhado, ele próprio, de uma escolta. Vimos através do exemplo do druida Diviciaco que os embaixadores eram os druidas. No relato podemos perceber que a comitiva é composta de:

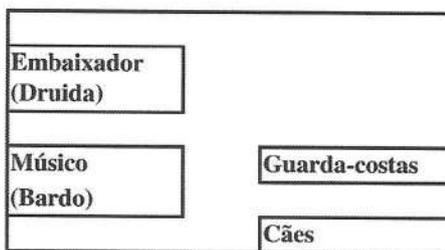
- um embaixador (druida) ricamente equipado;
- guarda-costas que acompanhavam o embaixador;
- cães conduzidos pelos guarda-costas;
- um músico (bardo) que exaltava o rei Bituito, os alóbroges e principalmente o embaixador.

Sabemos, através dos relatos de Diodoro Sículo e Estrabão, que os músicos eram os bardos. Diodoro Sículo coloca que os bardos seriam “poetas líricos (...) e com instrumentos semelhantes à lira evocavam os que eram estimados e aqueles que não eram” (DIODORO SÍCULO, **Biblioteca de História** V, 31). Estrabão descreve, entre as classes mais respeitadas, os druidas, bardos e vates. Os bardos seriam os “panegiristas e poetas.” (ESTRABÃO, **Geografia** IV, 4). Dessa forma, esses músicos citados por Apiano como fazendo parte da comitiva são os bardos, que pertencem à classe dos druidas, porém, com atribuições distintas.

A ritualização da guerra

No relato de Apiano, percebemos que o druida está à frente do cortejo; seguidos de um músico, guerreiros acompanham os personagens eminentes, descritos como guarda-costas (Apiano). No relato, a presença de cães é descrita junto dos guerreiros (guarda-costas).

No relato de Apiano, encontramos:



Para Jean-Louis Brunaux, vários textos demonstram a ritualização das preliminares das guerras pelos celtas. Assim:

Sejam relatos míticos de batalha (...) Sejam descrições mais históricas (...) todos esses textos nos fazem ver preliminares (da batalha) extremamente ritualizadas. O exército era precedido de músicos. Ele ganhava lentamente o local do campo de batalha, com tempo suficiente para os druidas, se podemos crer em Estrabão, tivesse tempo de se interpor e deter os beligerantes. Uma vez face a face, os dois exércitos procediam aos ritos que nos parecem um pouco pueris, em todo caso arcaicos. (...) os chefes se afrontavam de um campo a outro, fazendo exposição de sua própria história guerreira, assim como de seus ancestrais. É provável que nessa primeira competição oratória, os bardos que tinham o papel de compor as genealogias heróicas interviam eles próprios. Como todas as sociedades guerreiras, essas preliminares oratórias tinham um papel fundamental: elas permitiam situar cada guerreiro em seu justo lugar (...) (BRUNAUX, 2004, p. 68-69). (Tradução nossa)

A palavra dos bardos e dos druidas nesses momentos em que os dois exércitos estavam em face de se chocar evoca a questão da oralidade e da importância da palavra para os celtas. Os feitos dos ancestrais, seja dos grandes chefes ou dos druidas, eram exaltados pelos bardos. O exército inimigo, ou mesmo algum personagem, era atacado verbalmente na tentativa de derrubar a moral dos guerreiros.

Num conhecido relato de Tácito, encontramos os druidas entre o exército bretão lançando imprecações contra as legiões romanas:

Sobre o rio o exército inimigo fazia face, denso em armas e em homens, entre eles corriam as mulheres semelhantes às fúrias, os cabelos desgrenhados e portando tochas. Em torno delas os druidas, as mãos estendidas pra o céu, lançando terríveis imprecações amedrontando os nossos com tal visão (TÁCITO. *Anais* vv. XIV, 30). (Tradução nossa)

Jean Markale (MARKALE, 1985, p. 204-205) destaca o valor das execrações na tradição dos druidas no contexto da “potência da palavra”. Toda essa “teatralidade” era respeitada por ambos os exércitos prestes a se enfrentar, supondo que se tratava de dois exércitos celtas. Para Brunaux, os rituais guerreiros podiam estar ligados à tentativa de exaltar a coragem dos

guerreiros, o furor guerreiro (BRUNAU, 2005, 188). Essa exaltação do guerreiro é bem atestada para o caso dos guerreiros que combatiam nus, os *gaesatae*.⁸ Estes serviram como mercenários para os celtas instalados no norte da Itália e que estavam em guerra com os romanos (POLÍBIO. **História II**, 22). Sobre isso diz Simon James:

(...) Assim que os exércitos se colocavam frente a frente, rituais complexos eram postos em prática, em particular os desafios para o combate singular entre os campeões. Guerreiros proeminentes podiam se aproximar do inimigo e recitar sua ancestralidade, gabando-se de suas proezas e intimidando o oponente (JAMES, 1998, p. 81). (Tradução nossa)

O autor refere-se a outra prática bem documentada tanto pela literatura clássica quanto pela mitologia. Trata-se do combate singular, ou seja, um guerreiro escolhido como o campeão bate-se contra o campeão das hostes inimigas. Combates singulares são narrados durante as guerras entre celtas e romanos no norte da Itália. Numa dessas descrições, o general romano Mânlio Torquato se engaja numa luta com um guerreiro gaulês. O episódio é narrado por Tito Lívio (**História de Roma VII**, 10), o qual se refere a danças e cantos antes do combate com o general romano. Sobre isso, Barry Cunliffe afirma que:

Um dos temas recorrentes nas fontes clássicas é o barulho dos celtas na batalha. Os celtas que enfrentaram Mânlio precederam o combate com uma dança de guerra e um canto de batalha que quase certamente tinham uma significação mágico-religiosa (CUNLIFFE, 1997, p. 102). (Tradução nossa)

Essa função mágico-religiosa colocada por Cunliffe é clara, na medida em que os personagens envolvidos são os druidas. César (**A Guerra das Gálias VI**, 14) cita que o destemor dos guerreiros gauleses em relação à morte era obra dos druidas, que prometiam uma vida após a morte. O encorajamento dos guerreiros muito certamente era um dos principais objetivos dos rituais que precediam os combates. Os druidas à frente dos exércitos prometendo a vitória aos corajosos, os bardos exaltando a alta nascerça dos druidas deveriam compor o quadro, dando um aspecto teatral à cena.

Para Paul Lonigan (1997, p. 95-96), a presença de druidas no campo de batalha, como atestado por Diodoro e Estrabão, indicaria o papel de trazer harmonia para os exércitos envolvidos nos conflitos. Certamente, a ritualização das ações guerreiras estava sob a jurisdição dos druidas e dos bardos. Observamos que no relato de Apiano o druida é exaltado pelo bardo, possivelmente de forma bastante pomposa. Se a função dos bardos era exaltar os personagens ilustres, o relato demonstra como isso deveria proceder.

A exaltação da genealogia das figuras ilustres envolvidas nos atos belicosos, fosse antes de uma batalha ou durante uma comitiva com fins de discutir sobre a guerra, tinha uma alta relevância para os celtas. Possivelmente a finalidade dessas descrições dos ancestrais dos chefes e figuras ilustres deveria ser dar mais coragem ao guerreiro comum. A referência ao uso de liras pelos bardos pode significar que os chefes e druidas eram exaltados com músicas. Canalizar a energia dos guerreiros e impedir que se dispersem antes do confronto seriam outros objetivos dessas preliminares aos combates (BRUNAUX, 2004, p. 69).

Guyonvarc'h e Le Roux (1986, p. 65) chamam a atenção para três qualificativos do embaixador, na verdade um druida: a nascença, a coragem e as riquezas. A exaltação do personagem encarregado de tratar de assuntos ligados à guerra devia se pautar na máxima exaltação para que a fala do embaixador tivesse peso e fosse respeitada pelos inimigos. No caso em questão, o general romano Domício não deu crédito ao discurso do druida arverno acerca dos motivos da proteção dada ao rei dos salúvios, Teutomálio.

Conclusão

O druida é a figura mais proeminente no relato e possivelmente liderava tais comitivas com caráter guerreiro. Os druidas deviam levar em torno de si um *entourage* de bardos e mesmo de guardas. Essa ritualização era crucial para a sociedade céltica, uma vez que dava um lugar de eminente destaque às figuras mais salientes da comunidade, como os druidas, ressaltando, assim, um caráter sagrado aos fatos ligados à guerra.

A ritualização das preliminares das batalhas atesta o quanto a guerra tinha importância na vida das comunidades célticas. Dessa forma, a observação desses dois relatos permite-nos concluir que na Gália pré-romana toda uma série de procedimentos de cunho religioso era posta em prática

antes das escaramuças. O relato de Apiano revela que, mesmo na organização de comitivas que antecediam as batalhas ou com fins de negociação, um complexo esquema que envolvia os druidas e os bardos era posto em prática. O fato de encontrarmos druidas e bardos nessas comitivas com características eminentemente guerreiras atesta que as ações voltadas para a guerra estavam impregnadas de caráter religioso.

Documentação escrita

- APPIEN. *Histoire Romaine*. IV Celtique: Frgt 12 2-5, Ed. P. Viereck, A. G. Roos, E. Gabba, Teubner. *In: L'aristocratie celté dans les sources littéraires. Recueil de texts commentés*. Glux-en-Glenne: Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray, 2002.
- CAESAR. **The Gallic Wars**. Transl. H. J. Edwards. London: William Heinemann, 2004. (The Loeb Classical Library)
- CICÉRON. **De la divination**. Trad. J. Kany-Turpin. Paris: GF Flammarion, 2004.
- DIODORUS SICULUS. **Library of History**. (Books IV. 59-VIII). Transl. C. H. Oldfather. London: W. Heinemann, 2000. (The Loeb Classical Library)
- PANÉGIRYQUE DE CONSTANTIN. *In: GUYONVARCH, Chr.; LE ROUX, Fr. Les Druides*. Rennes: Ouest-France, 1986.
- POLYBE. **Histoires**. Livre II. Trad. P. Pédech. Paris: Les Belles Lettres, 1970. (Collection des Universités de France)
- STRABON. **Géographie**. Livres III et IV. Trad. F. Lasserre Paris: Les Belles Lettres, 2003. (Collection des Universités de France)
- TACITE. **Annales**. Trad. J. Hellegouarch e H. Bonniec. Paris: Les Belles Lettres, 1974-1978. (Collection des Universités de France)
- TITE LIVE. **Histoires Romaines**. Livre VII. Trad. J. Bayet e R. Bloch. Paris: Les Belles Lettres, 1968. (Collection des Universités de France)

Obras de referência

- DELAMARRE, X. **Dictionnaire de la langue gauloise**. Paris: Errance, 2001.
- KRUTA, V. **Les Celtes - Histoire et Dictionnaire. Des origines à la romanization et au christianisme**. Paris: Robert Lafont, 2000.

Bibliografia

- BRUNAU, J.-L. **Guerre et religion en Gaule: Essai d'anthropologie celtique**. Paris: Errance, 2004.
- BRUNAU, J.-L. **Les Gaulois**. Paris: Les Belles Lettres, 2005.
- CHADWICK, N. **The Druids**. Cardiff: University of Wales Press, 1997.
- CUNLIFFE, B. **Greek, Romans & Barbarians: Spheres of Influence**. New York: Methuen, 1988.
- CUNLIFFE, B. **The Ancient Celts**. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- ELLIS, P. B. **A Brief History of the Druids**. New York: Carroll & Graf Publishers, 2003.
- GOUDINEAU, Chr. La Gaule Transalpina. In: NICOLET, Claude (Org.). **Rome et la conquête du Monde Méditerranéen**. Paris: PUF, 1997. (Nouvelle Clío – l'histoire e ses problèmes, Tome 2: Genèse d'un empire)
- GOUDINEAU, Chr. **César et la Gaule**. Paris: Errance, 2000.
- GREEN, M. **Exploring the world of the Druids**. London: Thames and Hudson, 1997.
- GUYONVARCH, Chr.; LEROUX, Fr. **Les Druides**. Rennes: Ouest-France, 1986.
- GUYONVARCH, Chr.; LEROUX, Fr. **A Civilização Celta**. Lisboa: Pub. Europa-América, 1999.
- JAMES, S. **Exploring the World of the Celts**. London: Thames & Hudson, 1998.
- LONIGAN, P. R. **The Druids: Priests of the Ancient Celts**. Westport: Greenwood Press, 1997.
- MARKALE, J. **Le druidisme**. Paris: Payot, 1985.
- ROSS, A. **Druids: Preachers of Immortality**. Gloucestershire: Tempus, 2004.
- SERGENT, B. **Les Indo-Européens: Histoire, langues, mythes**. Paris: Payot, 1995.

Notas

¹ Guyonvarc'h e Le Roux (1986, p. 87) questionam o valor desse texto, devido a atribuir certos costumes latinos aos éduos.

² Na Irlanda pré-cristã, o famoso druida Cathbad surge em alguns relatos sendo destacado para funções de embaixador. Ver Guyonvarc'h e Le Roux, 1986, p. 88.

³ Duas formas são corretas: salúvios ou sálíos.

⁴ Segundo ESTRABÃO. Geografia. IV. 6, os celto-lígures seriam o resultado da fusão de celtas com os primitivos habitantes do litoral da atual Provença e da Ligúria (Itália), os lígures. Para alguns autores modernos, tratar-se-ia de povos com origem lígure, mas celtizados pela chegada de povos celtas. Ver KRUTA, 2000, p. 531. Segundo Sergent (1995, p. 416), os lígures teriam se originado a partir de uma divisão do antigo núcleo céltico. Isso explicaria que a língua lígure estaria entre o celta e o itálico, mas mais próxima do primeiro grupo.

⁵ Na verdade, Bituito era rei dos arvernos. O equívoco de Apiano deve ter se dado devido à ligação de clientela que os alóbroges teriam com os arvernos. A intervenção dos arvernos deve ter obedecido às regras célticas de clientelismo.

⁶ A Via Domitia tinha este nome devido a Cneu Domitius Ahenobarbus, um dos generais que venceram a coalizão de povos celtas formados pelos arvernos, rutenos e alóbroges. Esta estrada visava ligar a Itália à Espanha. Segundo Goudineau (2000, p. 52-53), na Gália, sua extensão ia de Narbo Martius (Narbonne) a Briançon e se estendia na Itália até Turim.

⁷ As relações de “clientelismo” entre os povos celtas eram bastante comuns. Na Guerra das Gálias, César cita a todo o momento as ligações entre os diversos povos gauleses e os liames de fidelidade entre elas. Dentre essas relações, o cônsul cita os cardúcios como clientes dos arvernos.

⁸ Muito provavelmente “lançeiros”. A partir da palavra gaulesa para lança, *gae*. Segundo Políbio (POLÍBIO. Histórias, II, 22), os *gaesatae* eram recrutados no sudeste da Gália, entre os Alpes e o Ródano.